



BERNARDO MOTA
Universidade de Lisboa
bernardomota@campus.ul.pt

FRANCISCO DE MELO, ENTRE FILOGIA E MATEMÁTICA

Estudar a matemática de um período em que não há senão textos manuscritos faz desenvolver o gosto pela filologia. Uma melhor compreensão dos processos de escrita, cópia e transmissão dos textos conduz a uma melhor interpretação da própria matemática.

Francisco de Melo foi um importante matemático português que viveu entre 1490 e 1536. Estudou e lecionou na Universidade de Paris, onde redigiu, em latim, um conjunto de comentários a obras de Euclides (*Óptica*, *Catóptrica*) e de pseudo-Arquimedes (*Sobre os objectos que caem em líquidos*). Durante muito tempo, conhecia-se apenas uma única cópia destes comentários, que pertencia às coleções da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Em 2011 descobriu-se, numa biblioteca alemã, o manuscrito original que Melo mandou executar, a partir do seu autógrafo (que não possuímos), e ofereceu ao Rei D. Manuel I, como forma de agradecimento pelo apoio dado pelo monarca à sua estada em Paris.

Esta foi uma descoberta feliz; quanto mais não seja, porque a única cópia que se conhecia, a que se encontra em Portugal, estava em muito mau estado e apresentava óbvias dificuldades de leitura. Além de exigir um intenso esforço do leitor, algumas linhas estavam irremediavelmente ilegíveis. Nas imagens ao lado, é possível confirmar a diferença que faz ler um e o outro manuscrito (figura 1).

As vantagens de se ter descoberto uma nova cópia do texto não terminam aqui. Como os copistas de um e do outro manuscrito optaram por abreviar e escrever por extenso expressões diferentes, a maior parte das dificuldades de leitura causadas por motivos estenográficos desaparecem.

Ainda assim, a existência das duas cópias não nos permite uma leitura descansada da obra. A razão é que o texto

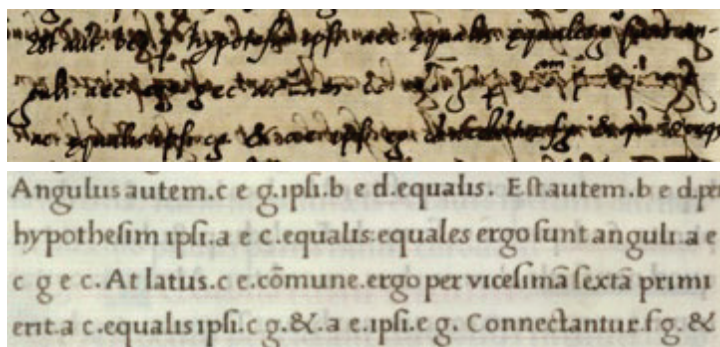


Figura 1: Um passo do comentário de Melo à primeira proposição da *Catóptrica* de Euclides (em cima: BNP COD 2262, f. 69r; em baixo: Stadtarchiv Stralsund, ms. HS 0767, f. 73r); o texto diz: *Est autem .bed. per hypothesim ipsi .aec. equalis equalis ergo sunt anguli .aec. gec. At latus .ce. commune. ergo per...*

continua a apresentar inúmeras falhas relacionadas com a forma de produção (e reprodução) do texto e com o processo de interpretação de obras antigas próprio da Renascença: além dos habituais problemas da tradição manuscrita (abreviaturas mal desdobradas, interpretação errada pelo copista, etc.), algumas figuras estão erradas ou apresentam letras trocadas, outras são pouco compreensíveis, outras ainda estão em falta; além disso, algumas partes do texto e da argumentação são de difícil interpretação. Por isso, o trabalho de edição e tradução da obra exige inúmeras correções que têm de ser bem sustentadas matematicamente e filologicamente. É esta necessidade de cruzar matemática e filologia que pretendo exemplificar sucintamente.

Por exemplo, em dois ou três passos relativamente distantes, o texto apresenta a expressão: *Conuertantur enim .ef.* Literalmente, o

